

NÓS VESTIMOS VIOLETA!

EXPOSIÇÃO

Gabriela Nunes.

ARTISTA PLÁSTICA
Projeto conceitual

ART PRODUÇÕES
Art Gallery

Luizi Bernardes
Comissária de exposição e Cerimonialista

Rua Teotônio Regadas 26
Grupo 702 – Lapa
Rio de Janeiro – RJ
Brasil – 20021-360

contato@artproducoes.com.br
55 (21) 96865-1593



Rio de Janeiro
Nov - 2021

Nós vestimos violeta!

Não! Meninas não vestem rosa, nem tampouco meninos azul!

A artista utiliza-se, como forma de expressão, a perspectiva do empoderamento da diversidade de gêneros, por intermédio da releitura de técnicas desenvolvidas por Yves Klein em sua memorável exposição Antropometria - 1960.

Yves Klein eternizou seu inconfundível azul, notadamente na sua coleção "LA REVOLUTION BLEUE", tornando aquele azul monocromático sua marca registrada e indelével. Apropriou-se de tal modo da cor, que chegou a patentear determinada tonalidade da sua paleta, o que chamou de IKB - International Klein Blue.

Por sua vez, sua arte também foi fortemente marcada pela exposição *Antropometria*, quando, com seu insistente azul, **fez uso do corpo de mulheres como se fossem pinceis, vez que, desnudadas, tocavam as telas**, de modo a imprimir seus corpos, e, assim, expressar a arte de Klein.

Ainda que não fosse este o seu intento, recorrentemente as obras de Klein foram criticadas por "objetificar" a mulher, devido ao fato de que o artista utilizava o corpo das modelos contratadas como ferramentas de pintura, expondo-as, inclusive, à determinadas plateias restritas, num número performático análogo à uma exibição num picadeiro circense. Além disso, o fazia para registrar o azul, geralmente associado ao gênero masculino.

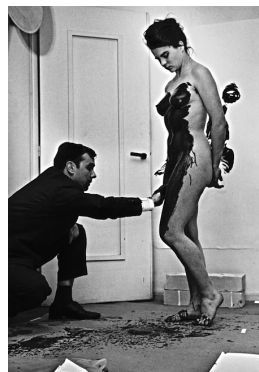
Vale menção de que as obras remontam aos conturbados anos 60, época em que fervilhava o surgimento de diversos movimentos feministas na França.



Nesta toada, devido ao contexto atual, onde urge a necessidade do adensamento de debates em torno da diversidade de gêneros e da construção de uma sociedade mais justa e igualitária, a artista Gabriela Nunes entendeu que haveria espaço para a **releitura do conceito de Yves Klein**, tornando as modelos protagonistas do uso do seu próprio corpo!

De certo que as obras de Klein tiveram indiscutível importância para a história da arte, porém, no cenário contemporâneo, já não possuem o mesmo apelo.

Desta sorte, a artista plástica decidiu lançar a exposição: "Nós vestimos violeta!", que pretende estabelecer uma nova interpretação conceitual da exposição *Antropometria* de Klein, valendo-se do manejo da mesma técnica monocromática, porém, numa abordagem um pouco diferente, com a utilização de tonalidades da cor violeta como seu argumento principal.



Desta forma, ao utilizar a cor violeta, a artista se esquivava da representação do "homem" na sua graduação azul, ou mesmo da "mulher" na sua graduação rosa, buscando, nesta cor mista, que representa a união do azul com o rosa, expressar a diversidade de gêneros!



RECOLORIR = RESIGNIFICAR

Já no que tange à objetificação do corpo feminino, a ideia da artista plástica vai além e, diferente do procedimento original de Klein, que fazia o uso de modelos contratadas, busca utilizar seu próprio corpo, bem como o de voluntárias que, espontaneamente da iniciativa, motivadas pela manifestação em prol da diversidade de gêneros, optem por participar espontaneamente.

Desta forma, de maneira voluntária e espontânea, a mulher deixa de ser uma coadjuvante, para ser a protagonista, consolidando a visão de que a mulher deve ter a liberdade de fazer do seu corpo o que bem entender!

Nesta vertente, a ideia é refletir sobre duas perspectivas da representação feminina: se por um lado ocorre a “objetificação” sexista da mulher (ou da mulher transgênero), quando da sua contratação num mercado de trabalho machista, restritivo, estigmatizante e excludente, ou seja, um mercado que relega as modelos à um mero papel impessoal e comoditizado de coadjuvantes, por seu turno, se olharmos por outra perspectiva, ao participar da ebulição artística de forma voluntária, as modelos se tornam protagonistas da arte, representando, assim, uma verdadeira manifestação da sua independência e empoderamento.

Ao passo que, por alguns ângulos, o corpo feminino da mulher, ou da mulher transgênero, podem ser considerados objetos de exploração, exposição e submissão, também podem simbolizar uma poderosa e genuína ferramenta de expressão artística, que represente sua independência, liberdade e empoderamento!

